

Dossiê

Apresentação: Dossiê Gioconda Mussolini

Andrea Ciacchi

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Em 2013, no dia 15 de novembro, Gioconda Mussolini completaria cem anos de idade. Mas, como sabemos, ela foi arrancada da vida, pelas consequências de um aneurisma cerebral, poucas horas depois da sua aula de antropologia nos barracões, ainda precários, do campus da usp, no mês de maio de 1969, quando tinha 55 anos. Há dois anos, portanto, a antropologia brasileira se prepararia para essa lembrança, que me parecia particularmente relevante pelo longo, inexplicável (aparentemente) e incômodo esquecimento que cercou a figura de Gioconda Mussolini por quase quarenta anos.

Infelizmente, porém (em boa medida, mas não completamente, por minha própria responsabilidade), essas homenagens não aconteceram. Por coincidência, 2013 também marcou o centenário do nascimento de outro pai fundador da antropologia brasileira, Egon Schaden, colega e “chefe” de Gioconda, em momentos e arranjos diferentes, na Faculdade de Filosofia da USP, entre 1935 e 1969. Homenagens muito justas, evidentemente, ao mestre teuto-catarinense, mas que, pelo menos para os meus sentimentos, tornaram mais amarga a falta de Gioconda nas celebrações desse ano. Estou, devagar e com alguma reticência, chegando ao ponto que sou obrigado a abordar nesta breve apresentação ao pequeno dossiê da Revista de Antropologia dedicado a Gioconda Mussolini.

A reticência deve-se, é óbvio, ao fato de que fui eu, na virada de 2005 para 2006, no meio do meu estágio de pós-doutorado, no Departamento de Antropologia da Unicamp, a resolver assumir essa tarefa: a reconstrução da trajetória intelectual e biográfica de Gioconda Mussolini. De lá para cá, depois de muitas conversas com (ex-) alunos, colegas e amigos dela, e com uma das suas irmãs, recebendo o apoio de muitas pessoas que mencionarei daqui a pouco, acho que consegui reunir uma documentação bastante significativa. Esse material forma ou formaria um livro, praticamente pronto já há alguns

anos, mas as dificuldades concretas para uma publicação que, provavelmente, não se tornaria um fenômeno de vendas, somadas ao desinteresse (um pouco surpreendente, embora legítimo) da Associação Brasileira de Antropologia, levaram-me a ir publicando artigos, aqui e ali.

Ao chegar, inesperado, mas recebido com muita alegria, o convite da editora da *Revista de Antropologia* para a organização de um pequeno dossiê, lembrei, é claro, que Gioconda Mussolini foi (embora extraoficialmente) cofundadora desta revista, junto com o próprio Egon Schaden, em 1953. Mas, neste começo de 2015, não haviam passado apenas dois anos do centenário propriamente dito... Estávamos (estamos, ainda) a 45 anos da morte de Gioconda, e a dez anos do começo da minha pesquisa. Desta forma, muitas das pessoas que eu entrevistei não estavam mais disponíveis para colaborar. Assim, reunimos aqui além de mais um “capítulo” da minha própria reconstrução historiográfica (desta vez o primeiro, que vai buscar lá na Itália as raízes de Gioconda), o trabalho de uma jovem antropóloga catarinense (como Schaden!), que, ao defender em 2013 a sua tese de doutorado (*Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina* – Menção Honrosa no Prêmio Capes de teses, em 2014), no Ppgas/UFSC, mostrou, na minha opinião, a relevância, ainda atualíssima, das reflexões e das observações etnográficas de Gioconda Mussolini sobre as várias dimensões da vida social dos pescadores e das populações caiçaras do litoral paulista.

Entretanto, gostaria de ter a permissão de dizer que a minha satisfação, aqui, está na publicação de um trecho do rico, intrigante e problemático material que, ao que tudo indica, formaria a tese de doutorado de Gioconda Mussolini, jamais defendida. Já me referi, em outras oportunidades, às questões que envolvem o fato de Gioconda não ter defendido a sua tese de doutorado. Esse aspecto da sua trajetória teve consequências importantíssimas, tanto para a vida pessoal e acadêmica dela quanto (como espero poder demonstrar em outro trabalho) sobre a própria história da antropologia brasileira naquela virada entre os anos Cinquenta e Sessenta. Hoje, por enquanto, acho que seja suficiente dizer que, com essa primeira publicação de um texto, datilografado em trinta folhas, que integraria a sua tese de doutoramento, se faz uma homenagem realmente especial e justa a esta mulher.

O que importa, acho eu, é que essa homenagem seja justa. Ou seja: que faça justiça. Permitam que eu fale com liberdade; que eu fale com liberdade e franqueza sobre Gioconda Mussolini e a antropologia uspiana daqueles anos. Não se trata de reavivar os conflitos de então, as agruras, as dores e as injustiças. Não se trata de prolongar “brigas de

departamento”, cinquenta anos depois. Mas de contar alguma coisa que quase ninguém sabe, sobre Gioconda.

Começemos pelo fim. Começemos pelo dia 26 de maio de 1969, dia da última aula dela, dois dias antes da sua morte. É uma aula de uma professora querida por muitos, que havia atravessado mais de um ciclo institucional da faculdade de Filosofia da USP, desde quando fora escolhida por Paul Arbousse Bastide para ser sua assistente na Cadeira de Sociologia. Mas era uma professora sem o título de doutora. E isso, no final dos anos 60 pesava, já pesava – mesmo sem o Lattes, mesmo sem Coleta Capes. Mas por que Gioconda não tinha esse título? Aqui está a nossa questão de hoje. Aqui está o centro da nossa homenagem.

Bom, naqueles anos, não se “entrava no Doutorado” como se entra hoje. Não havia bem “Programas” de pós-graduação. O que acontecia era que os professores universitários, mais cedo ou mais tarde, escreveriam e defenderiam, diante de uma banca, uma tese de Doutorado. Não havia prazos, não havia semestres – talvez nem houvesse tantas cobranças, como hoje. Para Gioconda não seria diferente. Mas ela não estava num Departamento de Antropologia. Ela estava na Cátedra de Antropologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Cátedras funcionavam um pouco diferentemente dos Departamentos que nós conhecemos. Havia, digamos, um certo tom... monárquico, um certo viés dinástico, um certo cheiro hierárquico, um certo caráter... catedrático. Tudo muito masculino. Tudo muito masculino! E Gioconda, apesar desse sobrenome infeliz, que a qualquer italiano lembra a falocracia de Benito Mussolini (de quem, vejam bem, ela não era parente!), era uma mulher.

E o orientador dela era um homem, aliás era “o” homem. Era o Catedrático de Antropologia da USP. Era o Professor Egon Schaden.

Não tenho tempo de contar tudo – ou seja, tudo que ouvi dos que conhecerem os dois, àquela época, e cujos nomes estão entre aqueles que mencionarei no final deste pequeno texto. Não posso contar tudo, mas quero contar o mais importante. Se alguém disse ou pensou que Gioconda não obteve o título de doutora porque não teve capacidade ou tenacidade para escrever a tese – bom, esse alguém está (ou estava) muito enganado.

Gioconda Mussolini escreveu uma tese de doutorado, sim, cujo título provisório talvez fosse *Estudos pioneiros sobre os caiçaras de Ilha Bela* e cujos originais, que perfazem cerca de 490 páginas (incluindo, sim, apontamentos e fichamentos ainda não sistematizados) estão conservados no Instituto de Estudos Brasileiros da USP e, em cópia, aqui, na minha mesa de trabalho, agora, ao meu lado, à espera de serem organizados e, possivelmente,

publicados. Nessa tese há um primeiro capítulo – “A ilha e a região” – um outro capítulo (“Organização econômica” – o que publicamos agora na *Revista de Antropologia*), um outro ainda (“A organização da comunidade”), algumas anotações bibliográficas e dezenas de registros etnográficos, realizados na Ilha de São Sebastião e iniciadas, muito provavelmente, em 1946. A leitura, ainda parcial e desordenada, permite comprovar, mesmo assim, a minha hipótese desses anos: a antropologia de Gioconda Mussolini estava em outra dimensão teórica e metodológica com relação ao que se pautava na cadeira de Antropologia da FFCL/USP, pelo menos entre os anos quarenta e sessenta. Uma dimensão que a aproximava muitíssimo mais dos encaminhamentos e, depois, das orientações do seu amigo e colega, Florestan Fernandes, na cadeira de Sociologia I.

A tese se não estava pronta, estava quase. Se ela a defendesse, sua posição hierárquica, pelas normas escritas e não escritas daquela época, seria diferente, assim como o final da carreira também teria outro rumo. Mesmo no meio de tantos homens.

Por falar nisso, acho que ela se sentia mais à vontade em outro meio muito masculino, talvez até mais masculino que as cátedras uspianas dos anos 40 a 60 – entre os pescadores caiçaras cujas rotas e canoas ela seguiu, décadas a fio, pelos mares de Ilhabela.

Se Gioconda tivesse conseguido sistematizar todo esse material e, em seguida, defender a tese, porém, ela não teria morrido mais feliz. A vida, pela qual ela estava tão apaixonada, não a correspondeu com o mesmo entusiasmo. A doença que a levaria à morte também acometeria a doutora Gioconda – se houvesse uma doutora Gioconda.

Mas gosto de pensar que todos os que a amaram, todos que aprenderam alguma coisa com ela, sintam uma pequena alegria, e queiram, hoje, mandar um abraço à professora, doutora, Gioconda Mussolini, nascida em São Paulo no dia 15 de novembro de 1913 e falecida, também em São Paulo, no dia 28 de maio de 1969¹.

¹ Tudo isso, da minha parte, seria impossível sem a colaboração de um grande número de colegas e amigos que diretamente ou indiretamente, ajudaram e ou incentivaram o meu trabalho nesses quase dez anos “mussolinianos”. Alguns já não podem mais ler o que escrevo: Ruth Cardoso, Paula Bieguelman, John Monteiro e Núncia Santoro de Constantino. Espero que leiam esse material, entre outros, Antonio Candido, Heloísa Pontes, Antonio Augusto Arantes, João Baptista Borges Pereira, Renate Viertler, Heloísa Fernandes, Amadeu Duarte Lanna, Antonio Carlos Diegues, José de Souza Martins, Mauro Cherobim, Luiz Mott, Fernando Henrique Cardoso, Pedro Paulo Poppovic, Lourdes Sola, Eunice Ribeiro Durham, Manoel Tosta Berlink, Mauro W. B. de Almeida, Mariza Corrêa, Silvana Rubino, Janice Theodoro da Silva, Dimitri Silva, Claudinei Spirandelli, Laura Moutinho, Antonio Marcos Pereira, Wilton Silva. Agradeço também a todos os demais que, claro, esqueci.